



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA**

**MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR**

**NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A AVALIATIVIDADE DO  
FEMINICÍDIO**

**BRASÍLIA**

**2021**

**MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR**

**NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A AVALIATIVIDADE DO  
FEMINICÍDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à disciplina Projeto de Curso, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva

**BRASÍLIA**

**2021**

# NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A AVALIATIVIDADE DO FEMINICÍDIO

Mirna Barcelos<sup>1</sup>

“Em memória de Bianca Lourenço, e de todas que não puderam ser nomeadas”.

**RESUMO:** a língua, enquanto fenômeno social, constitui a identidade de um povo e determina a forma como um indivíduo ou sua comunidade linguística percebe e interage com o mundo. Partindo desse pressuposto e considerando o Brasil um país perigoso para se nascer mulher, propõe-se um estudo para compreender a mentalidade dos brasileiros diante da violência sistemática, perpetrada pelo Estado e pela sociedade contra mulheres, em sua última consequência, o feminicídio. **Objetivo geral:** analisar a percepção dos brasileiros, na contemporaneidade, sobre violência de gênero. **Objetivo específico:** investigar a avaliatividade da violência de gênero diante de uma notícia de feminicídio, publicada em rede social por um jornal de grande circulação, a partir de comentários gerados pelos leitores, com foco no Subsistema de Atitude. **Metodologia:** 1) coleta das amostras, 2) análise dos dados, com base no Subsistema de Atitude. **Justificativa:** segundo matéria publicada no portal G1, apenas no primeiro semestre de 2020, foram registrados 631 assassinatos de mulheres, motivados por sua condição de gênero, no Brasil. De acordo com a mesma, ainda neste período, 119.546 casos de lesão corporal, em decorrência da violência doméstica, foram notificados. Diante dessa realidade, e visando o enfrentamento à violência de gênero, vê-se a necessidade de investigar o comportamento das pessoas diante de um caso de feminicídio. **Resultados:** a naturalização do feminicídio ocorre de forma sistemática a partir dos discursos como prática social. O significado do crime de feminicídio ainda não foi estabelecido de forma consistente no imaginário do brasileiro médio com acesso às redes sociais.

**Palavras-chave:** feminicídio. violência de gênero. análise do discurso. avaliatividade.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, pela Universidade de Brasília. mirna.barcelosa@gmail.com

**ABSTRACT:** language, as a social phenomenon, constitutes the identity of a people and determines the way an individual or his linguistic community perceives and interacts with the world. Based on this assumption and considering Brazil as a dangerous country to be born a woman, a study is proposed to understand the mentality of previous Brazilians of systematic violence, perpetrated by the State and by society against women, in its last consequence, femicide. General objective: to verify the perception of Brazilian society, in contemporary times, about gender violence. Specific objective: to investigate the evaluation of previous gender violence in a femicide news, published on a social network by a widely circulated newspaper, based on comments generated by readers, focusing on the Attitude Subsystem. Methodology: 1) data collection 2) analysis of the findings, based on the Attitude Subsystem. Justification: according to an article published on the G1 portal, in the first half of 2020 alone, there were 631 murders of women, motivated by their gender, in Brazil. According to the same, 119,546 cases of bodily injury, due to domestic violence, were reported during this period. Faced with this reality, and added to the fight against gender violence, there is a need to investigate people's behavior in the face of a case of femicide. Results: the naturalization of femicide occurs systematically from the discourses as a social practice. The meaning of the crime of femicide has not yet been established consistently in the imagination of the average Brazilian with access to social networks.

**Keywords:** femicide. gender violence. speech analysis. evaluation.

## 1. INTRODUÇÃO

No dia 13 de janeiro de 2021, a página oficial do portal de notícias G1, no Facebook, publicou uma notícia informando a localização do corpo de uma jovem de 24 anos desaparecida na Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro. Tratava-se de um caso de feminicídio brutal, que mobilizou coletivos feministas na internet e despertou indignação de parte da sociedade brasileira. Bianca Lourenço foi torturada e esquartejada pelo ex namorado, Dalton Luiz Vieira Santana, com ajuda de outros dois homens, após romper relacionamento que durou cerca de um ano (UOL, 2021). Passados alguns meses da divulgação da notícia, o caso já não repercutiu mais, a vítima de feminicídio tornou-se mais uma estatística, caindo no esquecimento como várias outras que já se foram e as que virão.

Apenas no primeiro semestre de 2020, foram registrados 631 feminicídios no Brasil, 119.546 casos de lesão corporal em decorrência da violência doméstica e, ainda, 9.310 estupros (G1, 2020). Considerando o contexto de pandemia que o país vive, esses dados devem ser

observados de forma distinta, levando em conta a subnotificação baseada nas mais diversas dificuldades de denúncia.

Um estudo publicado pela Revista *Katálysis*, em 2020, destaca três leis brasileiras de enfrentamento à violência de gênero, a Lei nº 11.340/2006, a Lei Maria da Penha e, ainda, a Lei nº 13.104/2011, que é a mais recente e que qualifica o feminicídio como o assassinato de mulheres em decorrência da condição de gênero. Nesse trabalho, Roichman (2020) avalia o impacto dessa última lei sobre as estatísticas de feminicídio e conclui que “os resultados apontam um decréscimo imediato no número de feminicídios, com uma subsequente retomada de alta, indicando que não houve impacto significativo nesses índices”.

Neste contexto, surge o questionamento: o que faz um crime desta natureza, como caso de Bianca Lourenço, se perder na memória de um país inteiro após passados poucos meses da sua divulgação? Por que não estamos falando sobre a violência que tirou a vida de Bianca, e que todos os dias atinge, em diversas proporções, inúmeras famílias brasileiras? Recorremos à Análise do Discurso (AD), ramo da linguística que se dedica ao estudo da realização dos significados, para buscar compreender o porquê de o feminicídio ser naturalizado ao ponto de passar despercebido diante dos olhos da maior parte da população brasileira e das autoridades do Estado.

A língua, enquanto fenômeno social, constitui a identidade de um povo e determina a forma como uma comunidade linguística percebe e interage com o mundo. Partindo desse pressuposto e considerando o Brasil um país perigoso para se nascer mulher, propõe-se um estudo de análise do discurso (AD), para compreender a mentalidade dos brasileiros, na contemporaneidade, diante da violência sistemática perpetrada pelo Estado e pela sociedade contra mulheres, em sua última consequência, o feminicídio. Para isso, parte-se da seguinte pergunta: como as pessoas se comportam diante de uma notícia de feminicídio?

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

À luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a língua é um fenômeno social, e possui, como princípio básico, a comunicação entre os indivíduos, em uma dada sociedade, em situações diversas (Almeida, 2008). Para explicar a realização dessa função interacional, recorre-se a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), que considera, além de um sistema linguístico, um sistema de dados relacionados ao contexto social, para analisar os discursos, tendo em vista que as relações sociais condicionam os usos da língua e a partir deles são baseadas.

A avaliação é um recurso que expressa significados de forma sistêmica, deixando transparecer ideologias, crenças, percepções acerca do mundo e valores culturais do produtor de texto, seja oral ou escrito. Esse recurso tem um caráter interpessoal por natureza, pois demanda uma atitude responsiva por parte do ouvinte ou leitor, seja para concordar ou discordar, de forma dialógica como é próprio da linguagem. Dessa forma, a análise linguística de uma avaliação expressa, sobre determinado objeto, em um dado contexto, pode contribuir para o entendimento mais amplo da construção de significados no discurso e auxiliar em questões relacionadas aos estudos culturais de uma forma geral.

Nesse contexto, o sistema de avaliatividade, desenvolvido em Sydney, por um grupo de systemicistas, em 2003, liderado por Martin, está inserido na GSF, e permite compreender as funções da linguagem com base nas estruturas as quais as interações sociais foram ou são estabelecidas, além das escolhas léxico-gramaticais utilizadas para realizar essas trocas (Almeida, 2008). Explica a realização das avaliações na língua, a partir de seus complexos subtipos de gradação, engajamento e atitude. Neste trabalho, focaremos o Subsistema de Atitude.

O Subsistema de Atitude dá conta das avaliações positivas e negativas expressas no discurso, e compreende subtipos semanticamente determinados por estética, ética e emoções, denominados como apreciação, julgamento e afeto, respectivamente, que por sua vez possuem outras subcategorias, formando aquilo que Fabíola Almeida (2008) chama de rede sistemática. Parafraseando Martin e Rose, Almeida (2008) explica que “o Subsistema de Atitude se preocupa com a avaliação que o falante faz das coisas (Apreciação), do caráter do indivíduo (Julgamento) e dos seus sentimentos (Afeto). Esse subsistema tanto pode ser atribuído ao próprio falante quanto a outros participantes do discurso para avaliar coisas e fenômenos”.

O Afeto abrange as avaliações realizadas no campo das emoções, e pode revelar como falantes ou escritores se sentem em relação a pessoas, coisas ou fatos. As realizações de afeto podem modificar adjuntos, participantes e processos. Os sentimentos são culturalmente considerados positivos ou negativos, desta forma, as emoções desse subtipo de atitude podem ser agrupadas em três categorias: felicidade/infelicidade; segurança/insegurança; e satisfação/insatisfação (ALMEIDA, 2010).

O Julgamento abrange avaliações sobre o comportamento das pessoas, linguisticamente realizadas por meio de epítetos ou atributos. É dividido em dois grupos denominados Estima Social e Sansão Social. O primeiro corresponde aos valores socialmente compartilhados com base em um ideal de comportamento, enquanto o segundo está relacionado a questões éticas e morais de ordem legal (ALMEIDA, 2010). Esses dois grupos de julgamento se dividem em

outras subcategorias que dão conta de classificar mais precisamente o epíteto ou atributo, quanto à normalidade, tenacidade, capacidade, ou ainda em relação à veracidade ou propriedade.

A Apreciação abrange avaliações sobre coisas e fenômenos, incluindo a reação das pessoas diante da realidade. É realizada por itens lexicais que tendem a representar processos mentais de cognição, além de epítetos, tendo em vista o seu caráter também descritivo (ALMEIDA,2010). Divide-se em três grupos, reação, composição e valoração, que, assim como no julgamento, possuem outras subcategorias que tornam a classificação do tipo de avaliação ainda mais precisa, em relação a impacto, qualidade, proporção e complexidade.

O Sistema de Avaliatividade é uma ferramenta eficaz para apoiar e embasar a Análise do Discurso Crítica. Para Norman Fairclough (2016, p.97), “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”. Com base nessa afirmação e nos conceitos expostos anteriormente, propõe-se um aprofundamento na percepção das pessoas, acerca da violência de gênero, partindo das avaliações realizadas por meio de comentários gerados a partir de uma narrativa de feminicídio.

### **3. METODOLOGIA**

Trata-se de pesquisa qualitativa sobre avaliatividade em comentários gerados a partir de uma notícia de feminicídio, publicada no Facebook pela página oficial do portal de notícias G1. Para tanto, foi selecionada uma amostra de 12 comentários, entre um total de 5,6 mil, representando diferentes mentalidades observadas nesse total.

A pesquisa qualitativa foca o aprofundamento na compreensão de significados para explicar fenômenos em grupos sociais ou organizações, por isso, dispensa a análise de grande número de dados, como é próprio da pesquisa quantitativa. Para Silveira e Córdova, “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (2009, p. 7).

Os dados obtidos foram organizados em 6 grupos de acordo com seu teor discursivo acerca do feminicídio, sendo eles: 1- o feminicídio como escolha da mulher; 2- o feminicídio como exemplo; 3- justificativas para o feminicídio; 4- soluções para o feminicídio; 5- atribuição da culpa do feminicídio; e 6- problematizações acerca do feminicídio; em seguida, foram interpretados à luz do Sistema da Avaliatividade.

Buscou-se analisar avaliações produzidas pelos leitores do jornal sobre a narrativa noticiada, com base no Subsistema de Atitude, a fim de verificar a reação dos mesmos diante da violência de gênero em sua última consequência. A amostra coletada é representativa, pois abrange contextos semânticos que foram observados em diversos comentários da notícia.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Trata-se de estudo sobre avaliatividade, com foco no Subsistema de Atitude, em comentários gerados a partir de uma notícia de feminicídio, publicada por jornal de grande circulação em rede social. De acordo com Vian Jr. (2009, p. 7), “toda interação verbal é dialógica, porque em toda e qualquer produção verbal cotidiana, seja oral ou escrita, revela-se a assunção de um leitor ou ouvinte: interagimos em *função do, para e com* o outro”. Assim sendo, deve-se considerar a relação dialógica entre o texto jornalístico e a atitude dos leitores comentaristas.

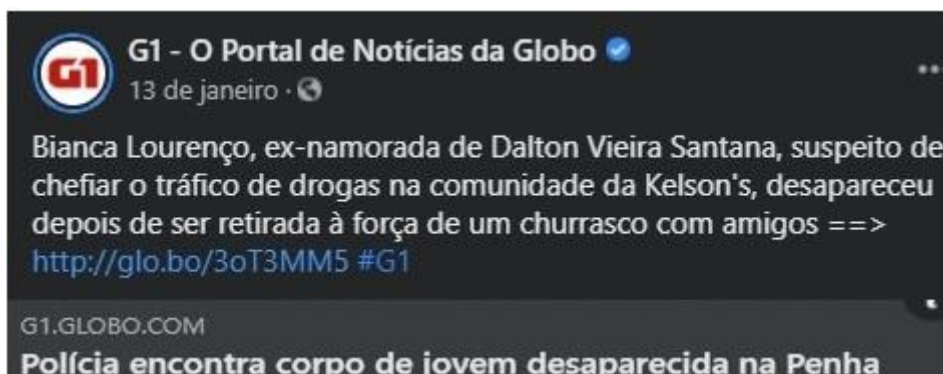


Figura 1: print screen da publicação na rede social

A lide da notícia, apresentada na Figura 1, contextualiza o desaparecimento da jovem assassinada, e apresenta linguagem avaliativa:

Antes mesmo de informar as circunstâncias do desaparecimento da jovem, o texto aponta que a vítima é “ex-namorada de suspeito de chefiar tráfico de drogas”, observa-se, ainda, que omite quem a retirou à força do local em que se encontrava. Verifica-se, por tanto, que o foco da lide, constituído a partir da escolha léxico-gramatical da qualidade atribuída à vítima de feminicídio, como “ex-namorada de suspeito de chefiar tráfico de drogas”, posta imediatamente após seu nome, acentua o julgamento negativo sobre a mesma, além de amenizar a perspectiva sobre seu assassino confesso que não é citado enquanto assassino.

Estabelecido o contexto desta análise, pretende-se agora aprofundar nas atitudes instanciadas pelos leitores e produtores de textos, diante dessa notícia sobre feminicídio. Os comentários a seguir foram selecionados entre um total de 5,6 mil, e apresentam diferentes



avaliações, constituindo uma amostra representativa para o corpus desta pesquisa. Os dados foram organizados em seis grupos, determinados de acordo com o teor discursivo dos comentários.

### **Grupo 1: o feminicídio como escolha da mulher**

1) “**Azar o dela... Marmita de bandido** termina assim. Ve se ela queria algum jovem **honesto e trabalhador** (sic).”

O dado 1 apresenta linguagem avaliativa de atitude que abrange os subtipos de julgamento e apreciação. A expressão “Azar o dela”, é uma forma implícita de dizer que o fenômeno avaliado, no caso o feminicídio, era um problema exclusivo da vítima, que pouco interessa ou choca o leitor comentarista, dessa forma, a avaliação é classificada como atitude de apreciação, do tipo reação de impacto. Na sequência, o epíteto “Marmita de bandido”, constitui uma avaliação com atitude de julgamento negativo, do tipo sanção social de propriedade, tendo em vista que qualifica a vítima enfatizando o seu envolvimento com um criminoso, além de transparecer um imaginário misógino, onde a vítima é representada como um objeto sexual de consumo, pelo elemento lexical “Marmita”, algo que é comível e descartável. A diante, “jovem, honesto e trabalhador”, são epítetos comparativos em relação a “bandido”, explanando outras supostas “escolhas” que a vítima poderia ter feito ao se relacionar com um homem, trata-se de uma atitude de julgamento, do tipo estima social de tenacidade.

2) "Me diz com quem andas, q direi quem tu és..." essa moça, era **pior q o traficante...** só o fato d se envolver com ele, ja diz tudo... **tenho pena não, quem procura acha, uma periguetezinha d favela** (sic).”

O dado 2 apresenta linguagem avaliativa de atitude, dos tipos julgamento e apreciação. Primeiramente, “Me diz com quem andas, que direi quem tu es” é um ditado popular do Português Brasileiro, com significado literal, que, no contexto da análise, reforça a avaliação de julgamento, do tipo sanção social, de propriedade, uma vez que o comentarista qualifica a vítima negativamente, com o epíteto “pior q o traficante”. A diante, a expressão “tenho pena não”, constitui uma avaliação de apreciação, do tipo reação, de subcategoria impacto, tendo em vista que o feminicídio não desperta a empatia do avaliador. Na sequência, “quem procura acha” é uma avaliação de apreciação, do tipo composição, subcategoria proporção, pois conclui que uma ação levou a outra, e isso é uma referência a lide da notícia, que informa que a vítima era ex namorada de suspeito de chefiar tráfico de drogas. Dessa forma, o comentário deixa transparecer a ideia de que a vítima procurou a própria morte. Ao fim, o epíteto “piriguetezinha d favela” expressa uma atitude de julgamento negativo, do tipo sanção social de propriedade, pois questiona o caráter da vítima de maneira sexista e classista, uma vez que “piriguetezinha”

é um elemento lexical que designa, de forma pejorativa, uma mulher com a vida sexual ativa, e “d favela”, intensifica a avaliação negativa, considerando a origem da mesma e, ainda, a institucionalização da criminalização da pobreza, pelos poderes públicos e pela mídia brasileira.

**Grupo 2: o feminicídio como exemplo:**

3) “Olha aí **mocinhas** e pra vcs ver si aprende não si envolve com **este tipo de gente** (sic)”

O dado 3 apresenta linguagem avaliativa, com atitude de julgamento. A palavra “mocinhas”, escrita no diminutivo, expressa infantilidade e inocência, constituindo uma avaliação de julgamento negativo, do tipo estima social de capacidade, considerando que as moças as quais o comentarista se refere, são pouco capazes de compreender os supostos riscos a que são expostas. Na sequência, “este tipo de gente” é uma referência ao traficante, e uma avaliação de julgamento do tipo estima social de tenacidade, pois sua conduta não é confiável.

4) “Uma **pena**... Que sirva de exemplo pra outras jovens, que namorar com traficante, não traz poder, é uma **roubada** (sic).”

O dado 4 apresenta atitudes de apreciação. A escolha lexical “pena”, avalia o feminicídio negativamente, por reação de impacto. O epíteto nominalizado “roubada”, qualifica o ato de namorar traficante, de forma negativa, com atitude de apreciação do tipo composição de valoração. No contexto da análise, o comentário apresenta itens lexicais que refletem a ideia de que o feminicídio é educativo, “Que sirva de exemplo”.

**Grupo 3: justificativas para o feminicídio:**

5) Quanto crime **passional**! O que acontece com esses **psicopatas**! Sim são **doentes**! Gente **saudável da cabeça** não faz isso! E principalmente se tem princípios **éticos e morais**!

No dado 5, a escolha do epíteto “passional” é uma atitude de apreciação, do tipo composição de complexidade, qualifica o crime e reflete a ideia romantizada de que o mesmo foi provocado em razão da paixão entre agressor e vítima. O epíteto “psicopatas” constitui uma atitude de julgamento negativo, do tipo sanção social de propriedade, tendo em vista o valor semântico da palavra. O qualificador “doentes” é, também uma atitude de julgamento negativo, do tipo estima social de capacidade. Isso se confirma pela análise da próxima oração, que possui atitude de julgamento positiva, do tipo estima social de normalidade, “saudável da cabeça”, em referência àqueles que não cometem assassinatos. Nesse contexto, pode-se inferir que feminicidas são doentes, e essa suposta doença é a razão dos feminicídios existirem. O autor do comentário finaliza o texto com uma atitude de apreciação positiva em relação aos princípios que norteiam as pessoas que não são assassinas, qualificando-os como “éticos e morais”, classificando-se, por tanto, nas subcategorias de reação e qualidade.

6) “É assim, pessoas viraram **objeto descartável**, ela descartou o suspeito que por sua vez não aceitou o **descarte**, **infeliz** fez essa **maldade**, **difícil** se relacionar hoje em dia (sic).”

O dado 6 apresenta atitudes de julgamento e apreciação. O epíteto “objeto descartável” é julgamento negativo de estima social, do tipo capacidade, com significado literal. Na sequência, o epíteto em forma de nome “descarte”, é uma atitude de apreciação do tipo reação de qualidade, em relação à atitude da vítima de romper o relacionamento com o agressor. A diante, observou-se uma atitude de julgamento por estima social, de capacidade, por meio do epíteto “infeliz”, que qualifica o feminicida no momento em que o fato ocorreu. O epíteto nominalizado “maldade”, é uma atitude negativa de apreciação, do tipo reação de qualidade, em relação ao assassinato brutal. Foi possível observar um reflexo de empatia por parte do comentarista com o agressor supostamente “descartado”, essa hipótese se confirma com o epíteto “difícil”, que qualifica o ato de relacionar-se, deixando transparecer o pensamento de que o grande problema foi o modo desproporcional como a vítima “descartou” o ex namorado.

#### **Grupo 4: soluções para o feminicídio:**

7) “Se tivesse se envolvido com cidadão **de bem** nada disso teria acontecido, que Deus conforte o coração dos familiares (sic).”

No dado 7, o epíteto “de bem”, que qualifica o nome “cidadão”, constitui uma atitude de julgamento positivo, do tipo estima social de tenacidade. “Cidadão de bem”, é uma expressão utilizada nas redes sociais para se referir àqueles que possuem um emprego formal, que não são pegos envolvidos em atividades ilícitas e que prezam pelos valores conservadores da família. No contexto da análise, o autor do comentário expressa de forma literal a ideia de que envolver-se com o “cidadão de bem” isenta mulheres de serem mortas em decorrência da violência de gênero.

8) “As vezes umas palmadinhas pequeno não é **nada mal**, dizer um não quando pequeno, **dói** nos pais mas **compensa** depois, colocar de castigo e ler livros o dia veremos **bons resultados**, agora dá corda quando pequeno, não conseguimos puxar depois as forças acabam (sic).”

O dado 8 apresenta linguagem avaliativa do tipo apreciação. O epíteto “nada mal” qualifica a educação pela violência como algo positivo, sendo assim, caracteriza-se como uma atitude de apreciação de composição, de valorização. Na sequência, a escolha lexical “dói... mas compensa” constitui uma apreciação do mesmo tipo, em relação a repressão e a punições na educação de uma criança. Por fim, “bons resultados” também constitui uma atitude de apreciação, do tipo composição de valorização, em relação ao processo educativo baseado na

violência e no medo. Haja vista que o texto da notícia informa que o pai da vítima tentou encerrar o ciclo convivência da filha com seu agressor.

**Grupo 5: atribuição da culpa do feminicídio:**

9) “Tô esperando movimentos feministas, artistas e **lacradores** se manifestando contra **traficantes**” (sic).

O dado 9 apresenta linguagem avaliativa de atitude, do tipo julgamento negativo, a partir dos epítetos “lacradores” e “traficantes”. O primeiro é do tipo estima social de tenacidade, tendo em vista que o elemento lexical “lacradores” é utilizado nas redes sociais em referência a militantes que, de acordo com o senso comum, são agressivos ou exagerados ao defender suas causas, principalmente feministas e artistas. Já o segundo, é do tipo sanção social, de propriedade, considerando que tráfico é um tipo de crime. Esse dado expressa o imaginário de que feminicidas são exclusivamente traficantes, ou que traficantes são os culpados pelos feminicídios.

10) “Agora a menina virou **Santa** se envolve com gente **errada** e que o que pro futuro ela mesmo assinou seu **atestado de óbito** ela já sabia quem ele era então **não foi forçada a nada** (sic).”

O dado 10 apresenta linguagem avaliativa de atitude, dos tipos julgamento e apreciação. Primeiramente, epíteto “Santa” constitui um julgamento negativo de estima social em relação à menina, do tipo tenacidade. Se analisado em relação com a próxima expressão de atitude de julgamento, “errada”, de estima social, do mesmo tipo, pode-se concluir que o comentarista ironiza o comportamento da vítima. A diante, o autor do texto utiliza a figura de linguagem “assinou seu atestado de óbito” para culpabilizar a vítima. Para Vian Jr., “a metáfora pode ser considerada um dos mecanismos mais utilizados no Português Brasileiro como recurso de avaliação, pois permite ao produtor de textos criar significados a partir de comparações” (2009, p. 23). Por fim, essa hipótese de culpabilização é confirmada, quando o comentarista conclui o texto afirmando que a mulher “não foi forçada a nada”, caracterizando uma atitude de apreciação negativa, do tipo composição de proporção.

**Grupo 6: problematizações acerca do feminicídio:**

11) “Força pra família e amigos. Até quando vamos ver esse tipo d notícia? **Ta difícil ser mulher** (sic)”

O dado 11 apresenta atitude do tipo apreciação de reação, de qualidade, a partir do epíteto “difícil”, qualificando a condição de “ser mulher”. Esse comentário expressa a angústia das mulheres que se percebem submetidas a violência de gênero, praticada de forma sistemática, diariamente noticiada pela mídia.

12) “As **vítimas de feminicídio** são **esposas de policial, empresário, pedreiro, padeiro, etc etc etc** A questão aqui é **muito mais grave** do que se envolver com um traficante, isso por si só, não se sustenta (sic).”

O dado 12 expressa atitude dos tipos apreciação e julgamento. O epíteto em forma de nome, “vítimas”, e o qualificador “de feminicídio”, apontam o posicionamento do comentarista, que avalia com apreciação, do tipo composição e complexidade, a relação de poder entre vítima e agressor, e a circunstância do assassinato envolvendo vítima do sexo feminino. A diante, “esposas de policial, empresário, pedreiro, padeiro, etc etc etc”, qualifica “vítimas de feminicídio”, como sendo, antes de qualquer outra coisa, “vítimas de feminicídio”, independente do papel social que seus parceiros exercem e sua classe social, observa-se, portanto, uma atitude de julgamento do tipo estima social de normalidade, generalizando as vítimas. Nota-se uma atitude de apreciação, do tipo composição, subcategoria valoração, a partir do epíteto “grave”, que qualifica toda a discussão em torno do crime noticiado.

Os gráficos abaixo representam as ocorrências de avaliações produzidas de acordo com as categorias do Subsistema de Atitude, nos dados analisados:

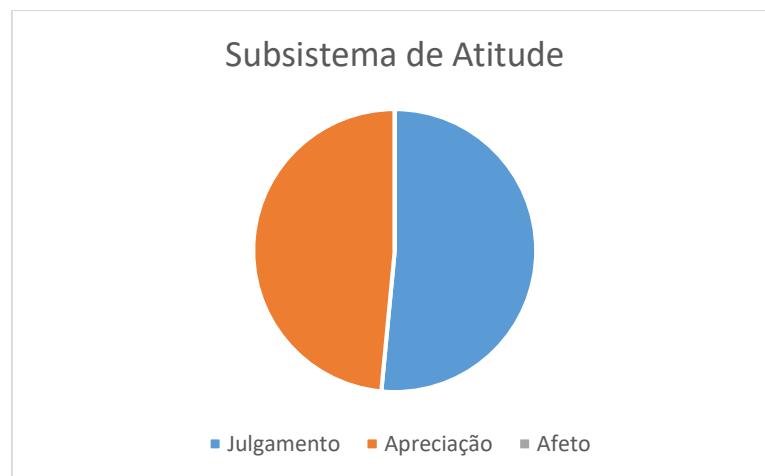


Gráfico 1 - Fonte: elaborado pela autora.

Observou-se maior predominância das categorias Julgamento (17 ocorrências) e Apreciação (16 ocorrências), em detrimento de Afeto, sem ocorrências. Dadas as análises, aponta-se que diante da narrativa de feminicídio, as atitudes produzidas pelos leitores comentaristas se baseiam, majoritariamente, na avaliação das pessoas envolvidas e dos fatos noticiados.

Assim sendo, interessa saber de que forma tais avaliações foram produzidas em relação às pessoas e aos fatos. Os gráficos abaixo quantificam as subcategorias de Apreciação e Julgamento:

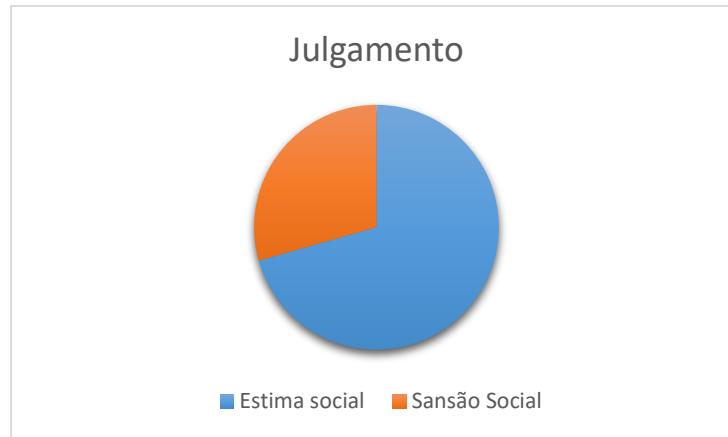


Gráfico 2 - Fonte: elaborado pela autora

Observou-se que as avaliações produzidas em relação a pessoas (categoria do Julgamento), são, majoritariamente, do tipo estima social (71%), em detrimento da sansão social (29%). Para Fabíola Almeida (2010, p. 107), “estima social envolve admiração e crítica sem implicações legais, enquanto que o (julgamento) de sanção social implica elogio e condenação, geralmente, com complicações legais.” Isso significa que diante de uma notícia de feminicídio, os significados produzidos sobre as pessoas, a partir das avaliações, ocorreram com base em critérios de comportamentos socialmente idealizados, entre o certo e o errado, não com base nos direitos da vítima ou no crime praticado pelo agressor.

Ainda nesse contexto, cabe voltar o olhar para variáveis de estima social e sansão social:

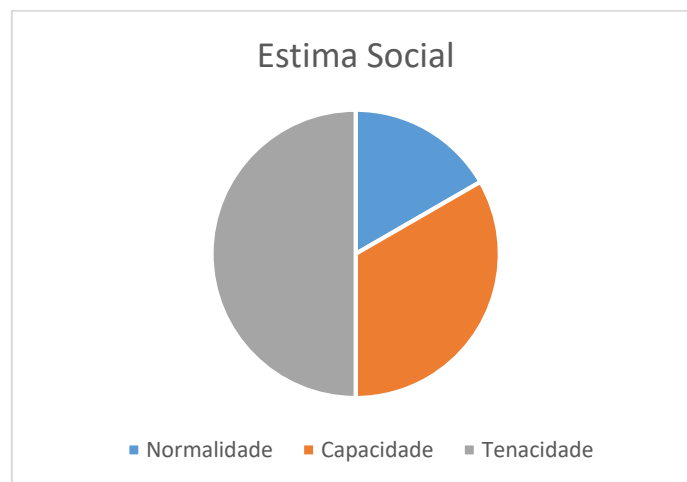


Gráfico 3 - Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 3 aponta 50% de tenacidade, subcategoria que avalia a confiabilidade do indivíduo; 33% de capacidade, subcategoria que avalia se o indivíduo possui capacidade sobre algum aspecto; e 17% de normalidade, subcategoria que avalia se o comportamento é usual ou incomum. Esses dados demonstram que, na narrativa de feminicídio estudada, quando as avaliações são construídas a partir de ideais de comportamento, predominam valores culturais que indicam confiabilidade e capacidade, em detrimento do que é normal ou não. Esse resultado

corrobora para o entendimento de que as avaliações sobre o feminicídio partem de um princípio moralista por parte dos comentaristas.

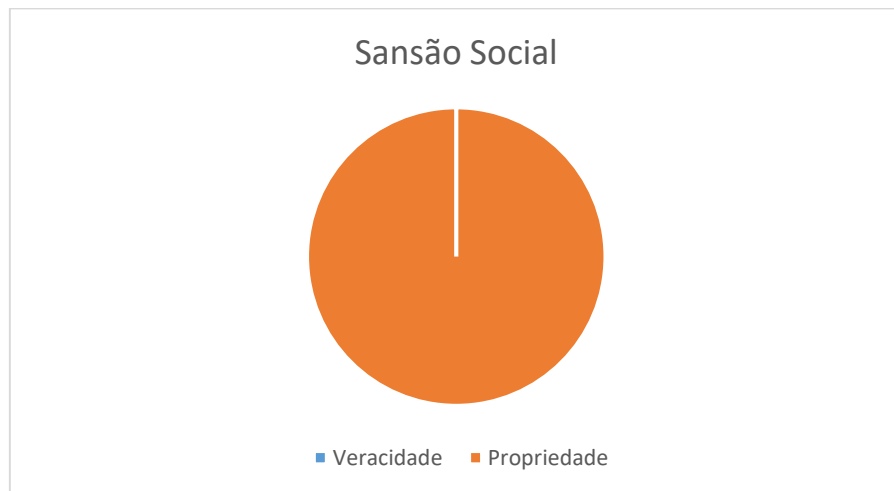


Gráfico 4 - Fonte: elaborado pela autora

No que se refere à sansão social, o gráfico 4 aponta 100% de ocorrências da subcategoria de propriedade, em detrimento da subcategoria de veracidade. Em outras palavras, isso significa que, em um âmbito legal, as pessoas envolvidas na narrativa de feminicídio são avaliadas com base na ética, em detrimento da culpabilidade ou vitimização.

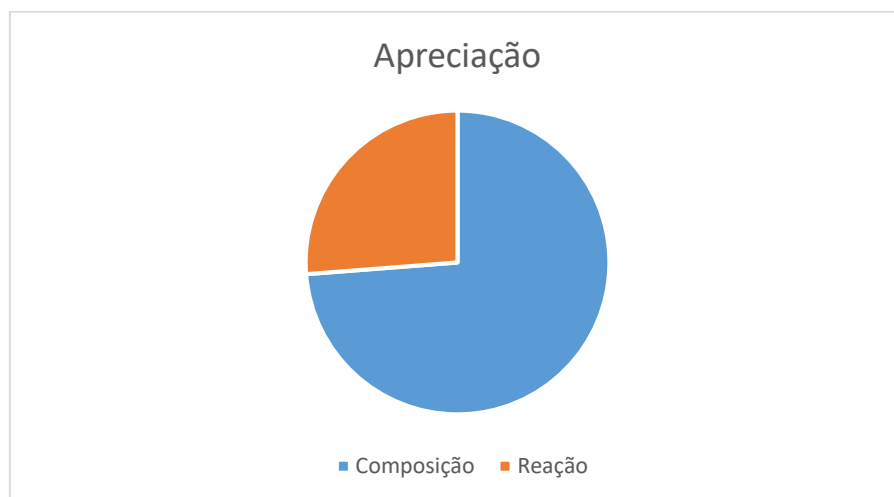


Gráfico 5 - Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 5 aponta 74% das ocorrências de apreciação para a subcategoria composição, e 26% para a subcategoria reação. Para Fabíola Almeida (2010, p. 111):

“Composição: refere-se às nossas percepções de proporcionalidade e detalhe em um texto/processo. Nesse tipo de apreciação concentram-se os sentimentos que dizem respeito à organização, à elaboração e à forma pela qual as coisas e objetos foram construídos ou elaborados.”

A autora também explica que a subcategoria reação “corresponde às reações que as coisas provocam nas pessoas, isto é, como as coisas captam a atenção das pessoas” (ALMEIDA, 2010, p. 111). Dessa forma, os dados demonstram que ao avaliar os fatos narrados pela notícia,

os comentaristas se basearam, majoritariamente, na forma do feminicídio, por uma perspectiva estética, em detrimento da reação que o crime lhes provocou.

Os gráficos abaixo quantificam as variáveis das subcategorias da Apreciação nos dados analisados:

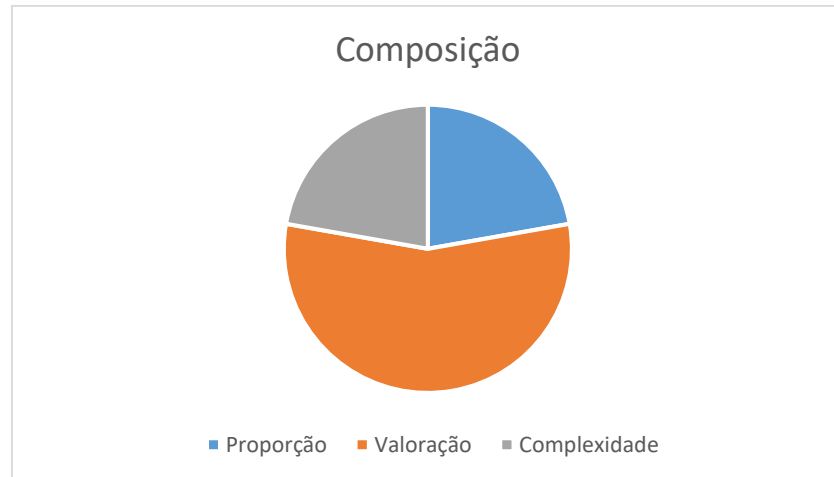


Gráfico 6 - Fonte: elaborado pela autora

Em relação às subcategorias composição, observou-se maior ocorrência de valoração, 56 %, enquanto proporção e complexidade ocorreram 22% das vezes, cada uma. Esses dados apontam que no contexto estudado, as avaliações dos comentaristas sobre os fatos noticiados foram produzidas com base no valor socialmente atribuído ao objeto de apreciação, em detrimento da complexidade propriamente dita, ou do equilíbrio (proporção), que o objeto apresenta.

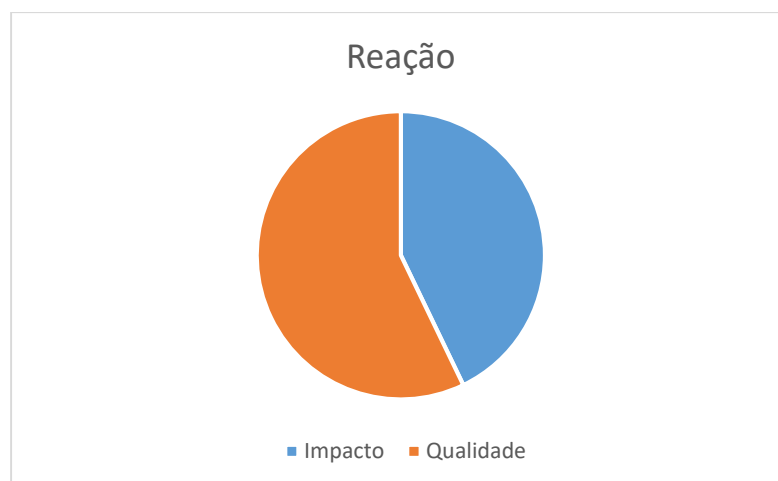


Gráfico 7 - Fonte: elaborado pela autora

No que tange à reação, o gráfico 7 aponta 57% de qualidade e 43% de impacto. Fabíola Almeida (2010) explica a subcategoria de impacto como aquilo que o objeto provoca nas pessoas, o impacto propriamente dito. Enquanto a subcategoria de qualidade diz respeito ao quanto o objeto “agrada” o avaliador. Esses dados demonstram que, no contexto analisado, as avaliações de apreciação de reação do feminicídio estão majoritariamente baseadas no que é ou



não agradável para o avaliador, em detrimento do quão impactante um crime desta natureza pode ser.

## 5. DISCUSSÃO

A análise dos dados aponta para um cenário em que a percepção dos leitores comentaristas sobre a narrativa de feminicídio, foi construída com base em critérios moralistas, que isolam o assassinato da vítima de sexo feminino de um contexto social com elevados índices de violência de gênero (grupo 1, grupo 2, especialmente o grupo 3, grupo 4 e grupo 5). Entre as amostras analisadas, a palavra “feminicídio” consta apenas uma vez, no dado 12, grupo 6, dado esse que, inclusive, problematiza o destaque a ocupação de traficante assumida pelo feminicida, dado tanto pelo jornal que veiculou a narrativa quanto pelos outros comentaristas, que assumem uma atitude responsiva diante do texto da notícia. Percebe-se que o conceito de feminicídio ainda não foi difundido entre os brasileiros médios com acesso às redes sociais.

Foi possível observar a presença de léxicos sexistas que refletem um imaginário misógino por parte dos leitores comentaristas. O ódio ao feminino está tão profundamente enraizado na cultura brasileira que mesmo vítima de um crime brutal, Bianca Lourenço foi qualificada como “pior que o traficante” (dado 2, grupo 1), no caso, o próprio feminicida. Para Fairclough, “a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder, ideologias particulares e as próprias convenções...” (2016, p. 99). Culpar a vítima de feminicídio, por viver em, e conseqüentemente vivenciar, uma comunidade dominada pelo tráfico, é uma forma de retirar a culpa do agressor, que supostamente está em seu local “habitual”, além de (re)produzir a naturalização do feminicídio nas favelas. O que configura, também, um posicionamento classista que criminaliza a pobreza e apaga a violência propagada pelas classes econômicas mais privilegiadas.

Nota-se que ao difundir o feminicídio com o significado de punição a um suposto comportamento inadequado por parte da mulher (grupos 1, 2, 4 e 5), constrói-se, também, um sistema de naturalização da violência de gênero, uma vez que dá ao homem o poder da violência para castigar a mulher e estabelecer o que pode ser, ou não, considerado um bom comportamento.

As soluções propostas para o feminicídio (grupo 4), contribuem, igualmente, para a naturalização da violência de gênero, propondo uma educação a partir da violência (dado 8, grupo 4), além de assumir que homens ditos “cidadãos de bem” estão isentos de cometer

violência misógina. Isso confirma a hipótese de que a violência para a correção de supostos comportamentos inadequados cometidos por mulheres seja aceitável, uma vez que o cidadão de bem sempre irá agir pelo bem, como proprietário do corpo e da vida da mulher.

O grupo 6 representa os comentários críticos em relação à lide da notícia ou ao imaginário compartilhado pela maioria dos outros que se propuseram a produzir textos a fim de atacar a imagem da vítima, a minimizar o crime, e a propagar discursos de ódio misógino. Observou-se léxicos que representam os sintomas das mulheres que se percebem submetidas à violência de gênero praticada de forma sistemática, diariamente noticiada pela mídia, como em “ta difícil ser mulher” (sic) (dado 11, grupo 6).

Cabe salientar que apesar de omitidos os gêneros dos produtores de comentários selecionados, observou-se a presença de vozes femininas e masculinas em todas as categorias, assim, os discursos apresentados não se restringem a um gênero ou outro.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trata-se de um estudo preliminar, que aponta um cenário sobre a percepção dos brasileiros acerca do feminicídio, na contemporaneidade. Este trabalho possui limitações, pois apesar da representatividade dos dados, uma ampliação do corpus poderia contribuir para uma análise mais precisa sobre o problema da pesquisa. Além disso, outras categorias analíticas do Sistema de Avaliatividade, poderiam ampliar as perspectivas de análise.

Foi possível perceber o potencial da análise linguística como ferramenta para problematizar questões sociais, para lançar propostas de intervenção, além de apoiar outras áreas do conhecimento relacionadas à sociedade.

Os resultados deste estudo apontaram que a naturalização do feminicídio ocorre de forma sistemática a partir dos discursos como prática social. O significado do crime de feminicídio ainda não foi estabelecido de forma consistente no imaginário do brasileiro médio com acesso às redes sociais. Isso demanda um esforço por parte da comunicação social, da educação, do Estado e da sociedade em geral, no sentido de buscar difundir a noção de violência de gênero para ressignificar imaginários como os que foram observados no corpus deste estudo, compreendendo que as palavras têm um impacto real nas práticas sociais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, F.S.D. **A avaliação na linguagem. Os elementos de atitude no discurso do professor – Um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALMEIDA, F.S.D.P. **Atitude: afeto, julgamento e apreciação** *In.: A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmicofuncionais com base no sistema da avaliatividade.* Orlando Vian Jr.; Anderson Alves de Souza; Fabíola A.S.D.P. Almeida (ORG.) São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p.99-113

COELHO, Henrique. **Polícia encontra corpo de jovem desaparecida na Penha.** Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2021. Facebook: G1, O Portal de Notícias da Globo. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/4805803436138370> . Acesso em: 01/04/2021.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** 2ª Ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

LEMOS, Marcela. Bianca Lourenço: exame aponta tortura, e juiz decreta prisão de 3 por morte. **UOL**, Rio de Janeiro, 27 de janeiro. 2021. Cotidiano.

ROICHMAN, Carlos Barreto Campello. **Faca, peixeira, canivete: uma análise da lei do feminicídio no Brasil.** Rev. katálysis, Florianópolis , v. 23, n. 2, p. 357-365, Ago. 2020.

SILVEIRA, D.T e CÓRDOVA, F.P. **“A pesquisa científica”.** *In.: Métodos de pesquisa.* Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (ORG.); coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

VELASCO, C., GRANDIN, F., CAESAR, G. e REIS, T. Assassinatos de mulheres sobem no 1º semestre no Brasil, mas agressões e estupros caem; especialistas apontam subnotificação durante pandemia. **G1**, São Paulo, 9 de setembro. 2020. Monitor da Violência.

VIANA JR. Orlando. **“O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação”** DELTA, vol.25, nº1. São Paulo, 2009.